

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

NORONHA, Eduardo Garuti. Eduardo Garuti Noronha (depoimento, 2016). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 11min).

**Eduardo Garuti Noronha  
(depoimento, 2016)**

Rio de Janeiro

2017

### ***Ficha Técnica***

***Tipo de entrevista:*** Temática

***Entrevistador(es):*** Celso Castro;

***Técnico de gravação:*** Isabella Jannotti;

***Local:*** São Carlos - SP - Brasil;

***Data:*** 11/05/2016 a 11/05/2016

***Duração:*** 1h 11min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto "Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida", com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto terá vigência de dois anos, a partir de 01/01/2008.

***Temas:*** Argentina; Brasil; Ciência política; Ciências sociais; Crises políticas; Democracia; Ensino superior; Formação acadêmica; Greves; Infância; Magistério; Movimento estudantil; Pesquisa científica e tecnológica; Políticas públicas; Previdência social; Universidade de São Paulo;

## *Sumário*

Entrevista: 11.05.2016

Origens familiares; escolha pelo curso de ciências sociais na graduação; a escolha pela Universidade de São Paulo (USP); o apoio dos pais ao longo da vida acadêmica; a graduação na USP: a experiência durante o curso de ciências sociais e a primeira aula; a formação do grupo Vento Novo; aprendizagem e experiências com professores da USP; o mestrado na Universidade de Campinas (Unicamp) e a relação com o Núcleo de Estudo de Políticas Públicas (NEPP); debates dentro do movimento estudantil e as greves de 1978; mestrado em ciência política na UNICAMP ; a criação do NEPP por Vilmar Faria e Maria Hermínia; a contribuição no NEPP; a escolha dos temas e o doutorado sanduíche; o tema da tese de mestrado; comparação de como se formou o sistema previdenciário no Brasil e na Argentina; criação de um banco de dados sobre greves junto com Maria Hermínia; doutorado sanduíche em Londres; a experiência como docente; a saída do NEPP; a experiência no departamento de ciências sociais da Unicamp; a separação dos cursos de ciências sociais do doutorado; passagem pelo Lidesp; interesses atuais de pesquisa; discussão sobre a crise da democracia; a recriação da Associação Brasileira de Ciências Políticas (ABCP).

*Entrevista: 11.05.2016*

C. C. – Bom, Eduardo, em primeiro lugar muito obrigado por nos receber e colaborar com o projeto. Já expliquei um pouco o objetivo. Antes de falar propriamente da sua formação universitária, queria só que você situasse onde você nasceu, em que ano, sua família de origem, um pouco desse ambiente familiar ainda, no estudo pré-universitário.

E. N. – Bom, primeiro eu agradeço que vocês tenham vindo aqui para entrevistar. Acho esse tipo de trabalho muito importante para as gerações entenderem a história da ciência política, das ciências sociais, da antropologia etc. Um trabalho muito interessante.

Bom, aí entrando na minha história de vida é assim: meus pais, pai e mãe, nasceram em Poços de Caldas. Meus dois irmãos mais velhos – pouco mais velhos, um, dois anos –, eu sou o caçula de três, também nasceram em Poços. Eu sou o primeiro paulistano. Meus pais migraram para São Paulo e a partir daí a família toda passou a ser paulistana.

C.C. – Seu pai fazia o que?

E.N. – Meu pai estudou em Poços de Caldas, lá nos Maristas, e depois veio a São Paulo. Ele passou a ser contador, e depois passou um período como administrador de empresas. E teve uma carreira muito... no início muito ascendente, e depois descendente. Terminou tendo uma papelaria. Então, ele teve uma vida assim bastante... no início não, mas a partir de determinado momento uma vida bem estável financeiramente e profissionalmente. Minha mãe, típico da época, estudou só até o primário. Sempre foi mãe, mãe e dona de casa, e assim continua até hoje. Meu pai já morreu há vários anos e minha mãe está viva.

C.C. – Em que ano você se mudou para São Paulo?

E.N. – Quer dizer, eu nasci em São Paulo.

C.C. – Você já nasceu em São Paulo?

E.N. – Eu fui o primeiro a nascer em São Paulo, em 1958. Meu irmão é de 1956 e a irmã de 1955, os dois nasceram em Poços ainda. Está certo?

C.C. – Entendi. E você estudou onde em São Paulo?

E.N. – Em São Paulo, estudei em um colégio de estado, da Lapa. Nós moramos na Pompéia por muito tempo. Não sei se conhece bem São Paulo...

C.C. – Não.

E.N. – Pompéia é um bairro... ali onde eram as empresas Matarazzo. Hoje é um bairro bem de classe média. Enfim, vivemos muito tempo ali na região da Pompéia, e na verdade nunca saímos da zona oeste de São Paulo. Depois nós fomos ali para Vila Madalena, antes dela ser

famosa. Sempre ali por esse pedaço da zona oeste de São Paulo. Uma família tipicamente de classe média, dessa classe média instável – às vezes está bem, às vezes está mal. [risos].

C.C. – Você estudava em colégio público?

E.N. – Então, eu estudava em um colégio da Lapa, público, chamado Instituto de Educação Anhanguera. Era um colégio bastante conservador, eu costumo dizer que acho que lá era o único lugar que as pessoas aprenderam todos os hinos. Cantava-se o hino do exército, o hino nacional, e inclusive o da Revolução Constitucionalista de 1932. [risos]. Era um colégio muito conservador, e bem conceituado do ponto de vista de uma escola que tinha um certo padrão e tal. Eu segui no Anhanguera por bastante tempo. Quando chegou no terceiro colegial... Eu tinha vários amigos que estudavam no Colégio Equipe, que é um colégio moderno em São Paulo e era um colégio mais de esquerda e muito qualificado. Aí eu falei para o meu pai: “Olha, se você me pagar o Equipe, eu garanto que entro na USP direto”. E aí fizemos esse acordo, eu entrei na USP [risos] em 1977.

C.C. – Mas o seu interesse pelas Ciências Sociais...

E.N. – Pois é. É uma coisa curiosa. Eu sempre tive interesse por política, mas eu tinha muitos interesses. Para você ter uma ideia, quando eu fui para o Equipe eu tinha uma certa dúvida entre fazer Matemática, Jornalismo ou Ciência Política. Aí, tinha um professor, que até hoje está vivo, que chama Raimundo Campos, que era um brilhante professor de história e ele me convenceu de uma vez por todas que minha área era as ciências humanas. E aí que eu prestei para USP em Ciências Sociais. Mas foi uma decisão assim, de final de terceiro colegial.

C.C. – Sim. Sua família não se opôs a ciências sociais?

E.N. – Não, de jeito nenhum. Não. Meu pai era uma cara muito aberto. Minha irmã fez arquitetura, meu irmão, assim, mais tradicional, fez engenharia. Então, não tinha nenhuma pressão desse tipo em casa, de para onde ir... Tinha uma coisa assim: “estudem”.

C.C. – E a graduação em Ciências Sociais lá na USP? O clima político já era de abertura nessa altura, não é? 1977.

E.N. – Ah, sim. Essa é a parte muito interessante e muito marcante da minha... Veja, quando eu entrei nas Ciências Sociais da USP eu nem sabia direito o que era aquilo. Era um moleque de 18 anos, 17 anos. E ali eu descobri que era o que eu queria. Então, assim, eu me lembro até hoje da primeira aula que eu tive que foi com o grande Juarez Brandão Lopes, discutindo a formação do Estado moderno e aquela polêmica entre [inaudível] e Bobbio. E eu fiquei muito impressionado com tudo aquilo. Então, o Juarez já assim... Acho que a primeira aula que eu tive na USP, aí já falei assim: “Ah, eu cheguei no lugar certo. É isso que eu quero”. [risos]. Aí, eu me lembro também que, coisas engraçadas, eu comecei a... O curso de Sociologia começava com Durkheim, e eu fiquei apaixonado pelo Durkheim. Aí fui altamente reprimido por todo o movimento estudantil, que ele era um conservador. [risos].

C.C. – Quem dava Durkheim? Era o José Albertino Rodrigues, não?

E.N. – Não, não. Era uma professora, porque Luiz Pereira estava muito mal de saúde. E aí tinha uns jovens professores que assumiram a cadeira. Eu tive aula com Jecita Rodrigues, se não me engano, que acho que não ficou muitos anos na USP não. Mas enfim, o início meu na USP foi muito impactante, muito bom. Foi uma coisa assim, do tipo: “Cheguei no lugar certo. É isso que eu quero”.

C.C. – Entendi. Mas os alunos eram hegemonicamente de esquerda, marxistas?

E.N. – Ah, claro. Mas eu também virei. Quer dizer, [risos] era na verdade um clima da época, não é? Em que o marxismo tinha uma importância muito grande e obviamente eu passei a apreciar Marx, Weber, Maquiavel, todos os grandes clássicos. Enfim, eu nunca me considerei um... Eu nunca me filiei demais em alguma coisa. Claro que em determinado momento mais militante, porque veja, é muito interessante essa geração de 1977/1978, porque em 1978 tem as greves do ABC. E aí o movimento estudantil vai a toda, e eu comecei a participar do movimento estudantil e me engajar nisso. Basicamente, isso começou com um convite do André Singer, que tinha lá um grupinho, que era um grupo pouco importante mas muito divertido, do movimento estudantil da época da USP, que chamava Vento Novo. E que era um grupo que era de uma esquerda que tentava criticar a coisa leninista, a coisa marxista mais dura e tal. E antes da entrevista, eu estava pensando nisso, é um grupo bem curioso, porque a pessoa mais forte nas Ciências Sociais nessa coisa militante de organizar o movimento estudantil era o André Singer, mas ali também estava o Maurício Piza, o filho do Juarez Brandão Lopes. Na Economia tinha, neste grupo e que eram muito nossos amigos, o Jesse de Oliveira e o Rui Affonso, e na Física tinha o Marcelo Tractenberg. Eu estou falando isso...

C.C. – O Marcelo ou o Maurício?

E.N. – O Marcelo, filho. Está certo? O filho do Tractenberg.

C.C. – Está.

E.N. – Então, o que eu estou chamando atenção para você é o seguinte: era um grupo muito curioso, porque você tinha um filho do Tractenberg, um filho do Singer, e outro do Almino Affonso. Quer dizer, do ponto de vista político, não gruda. [risos]. Não é? Nada gruda. E esse grupo se formou sei lá como. Na verdade, quando eu chego em 1977, o André já tinha um papel importante ali de liderança do movimento, e eu acabei achando aquele grupo muito fascinante, até porque eram pessoas muito inteligentes e com uma formação muito superior à minha. Então, essa minha vivência no movimento estudantil tinha uma dimensão política e tinha uma dimensão acadêmica. A gente lia muito, discutia textos, essas coisas. Era um grupo muito acadêmico também, e acho que isso foi muito interessante.

C.C. – A formação no curso de Ciências Sociais na época era muito teórica, não tinha o equivalente hoje a já fazer pesquisa na graduação, não é?

E.N. – Ah, não. Não tinha. Era totalmente teórica. A aula era, em geral, com poucas perguntas. Eu acho que tinha uma equipe de alunos também muito boa. E o clima era de uma aula bem tradicional. Eu acho muito expressivo disso: Juarez Brandão Lopes, que realmente foi uma figura muito marcante para mim, o grande Weffort, e o Gabriel Cohn. Cada um em um estilo muito diferente, mas todos eles davam aulas. Aulas tradicionais. Falavam, falavam, admitiam perguntas, mas era uma coisa muito: aula do professor. Uma coisa bem forte nisso.

C.C. – Um estilo bem catedrático.

E.N. – Catedrático. Professores catedráticos.

C.C. – Você mencionou esse interesse, essa atuação política nesse período, não é? Você mencionou as greves do ABC, depois tem toda a discussão da criação do PT, e discussão antes das eleições de 1982, se cria partido ou se a frente. Quer dizer, as esquerdas estavam muito divididas também nessa altura, não é?

E.N. – Claro.

C.C. – Como é que você acompanhava essa discussão, esse debate?

E.N. – Olha, eu acho que em parte por uma característica pessoal de não ser radical, nunca me vi como um cara radical, e em parte – talvez em grande parte – por este grupo eclético de pessoas com que eu convivia no movimento estudantil, e que vinham de formações muito superiores à minha, mas muito diversas entre eles. Eu acho que sempre olhei aquilo mais academicamente do que qualquer outra coisa. Para mim, os debates dentro do movimento estudantil tinham um papel quase tão grande quanto as aulas, e aí eu me... Agora, isso muda um pouco com as greves de 1978, que aí inclusive vai marcar os trabalhos que eu faço posteriormente. Eu me lembro da gente parando os carros, pedindo dinheiro para o fundo de greve e tal...

C.C. – Greve da Fiat.

E.N. – Greve da Volkswagen, primeiro. E aquilo me impressionou muito, porque eu via o apoio da classe média, pelo menos daquela classe média da região uspiana, o Butantã, é uma área... Porque São Paulo tem áreas mais conservadoras e áreas mais progressistas, não é? E aquela é uma área que, até hoje, acho que é uma área mais, em princípio, mais progressista. Aquilo me chamou muita atenção, e isso teve desdobramentos no futuro aí nos meus trabalhos.

C.C. – Bom, você acabando Ciências Sociais na USP você foi fazer mestrado em Ciência Política na Unicamp. Unicamp era uma universidade relativamente nova ainda, não é?

E.N. – Isso.

C.C. – Não tinha 10 anos.

E.N. – Pois é. Era uma universidade nova, mas naquela época não tinha seleção de mestrado na USP. Tinha conversar com o professor. Eu era um moleque muito tímido e não sabia como fazer isso. E aí o Juarez falou para mim: “Edu, vai para a Unicamp. Tem uma equipe boa lá, excelente. A Maria Hermínia está lá, ela vai gostar do que você está fazendo, do que você está pensando e tal”. Aí eu falei: “Bom, está. Eu vou prestar lá e ver o que acontece”. Aí entrei.

C.C. – Mas aí era diferente a seleção?

E.N. – Ah, lá era seleção.

C.C. – Era uma prova?

E.N. – Era uma prova. Era uma prova, entrevista e tal. Era uma prova, era muito mais parecido com o que é hoje.

C.C. – Mas você procurou a Maria Hermínia antes para dizer do interesse?

E.N. – Não. Nada, nada.

C.C. – Não precisava?

E.N. – Não.

C.C. – Você fazia a prova e depois...

E.N. – Eu me lembro do que precisava era uma carta de recomendação de um professor, que eu pedi para o Gabriel Cohn, outra grande referência para mim. E aí tinha uma prova escrita e uma entrevista. Aí, fui para lá.

C.C. – Mas aí, em que momento você definiu o tema e a orientação?

E.N. – Olha, isso foi uma coisa curiosa. Tinha um grupo muito interessante ali que entrou comigo. Ó, o Fernando Limongi, que também foi para lá, a Maria Helena Guimarães Castro... Acho que das pessoas que seguiram mais a vida acadêmica são esses dois. Eu não me lembro direito porque, o NEPP estava sendo criado, o Núcleo de Estudos de Políticas Públicas, criado pelo Vilmar Faria, outra grande influência para mim, e pela Maria Hermínia. E Maria Hermínia me convidou para ir para o NEPP, o que foi um enorme privilégio, porque naquela época a Unicamp inventou uma carreira de pesquisador separada da carreira docente cujo contrato era via CLT, mas a gente ganhava o mesmo de um professor inicial, e eu trabalhava em pesquisas para o NEPP. Eu fiquei no NEPP muitos anos, trabalhei nas mais diversas pesquisas e aí, como Maria Hermínia passa a ser a... O Vilmar era o diretor primeiro, ele logo larga, passa a ser a Maria Hermínia. E eu me dava muito bem com ela, aí ela me convidou para ir para o NEPP e lá eu fiquei de 1984 a 1992. No NEPP. Eu fiz uma dissertação de mestrado em 7 anos, por quê? Porque eu...

C.C. – E tinha bolsa também de mestrado, ou não? Você era funcionário...



E.N. – Não, não. Eu não tinha bolsa porque eu era funcionário. Seria demais, não é? [risos]. Eu não tinha bolsa porque eu estava já ganhando para...

C.C. – Era melhor ser pesquisador do que ganhar bolsa, não é? Em termos financeiros.

E.N. – Ah, muito melhor. Porque era assim, o salário do pesquisador era igual ao de um professor inicial, por isso que essa carreira acabou.

C.C. – Acabou mesmo?

E.N. – Acabou.

C.C. – E tinha os núcleos, eu me lembro, do núcleo de estudos estratégicos, alguns núcleos que foram criados tinham essa figura do pesquisador.

E.N. – Ah, não, não. São pessoas que continuaram, mas ela acabou, ela não admite mais gente dentro desse...

C.C. – Sim, sim.

E.N. – Tem gente que ainda tem esse status, mas não foi o caminho que eu tomei.

C.C. – Mas o que você fazia no NEPP era basicamente o seu trabalho de mestrado, ou não? Eram outras pesquisas?

E.N. – Não, não. É incrível, não é? Naquela época, como eu lhe disse, eu fiz meu mestrado em sete anos, por quê? Porque eu trabalhava em todas as pesquisas do NEPP, todas. Eu trabalhava em muitas pesquisas do NEPP. O NEPP, quando a Sônia Draibe assume, ela faz um projeto muito bonito, muito interessante, que foram as coleções Brasil 1900 e alguma coisa, e que fazia um balanço de todas as áreas sociais do ano. Essa é uma coleção, foi ideia da Sônia, não sei se foi só dela, mas foi ela que encampou isso, a Sônia Draibe. E isso envolvia todos nós, independente se você estava fazendo mestrado ou não, isso era uma tarefa exigida de todos os pesquisadores do NEPP. Então, ali tinha um clima muito interessante. Eu fui muito beneficiado, porque a gente ao mesmo tempo fazia a própria pesquisa e participava de várias outras, o que dava para gente uma maturidade interessante. O NEPP foi um projeto muito bom, muito importante.

C.C. – Em termos de métodos de pesquisa, você lidava mais com que? Com método quantitativo? Qualitativo?

E.N. – Aí é que está. Não tinha uma, eu não consigo identificar no NEPP uma linhagem assim muito clara. O método quantitativo...

C.C. – Eu pergunto porque a Ciência Política depois vão ficar tradições mais separadas, uma muito mais de metodologia quantitativa, mais hard como se diz.

E.N. – Isso.

C.C. – E uma outra mais política, de filosofia. Não sei se nessa época isso já se colocava.

E.N. – Não. E isso, nessa época, não se colocava. Pelo seguinte, claro que a questão de quantificação...

E.N. – Está ok. Nessa época, essa briga entre uma ciência política mais positiva, mais quantitativa, e uma ciência política que ainda beirava muito a sociologia política não estava posta de maneira radical. O que tinha era o seguinte, o Vilmar Faria era muito presente no NEPP e ele sabia trabalhar com isso. Mas o Vilmar Faria era muito mais do que um quantitativista, era um grande intelectual. E tinha estatísticos na equipe, então quando a gente precisava de estatística passava para o outro, isso era assunto para outra competência. Então, a gente não aprendia estatística, eu não aprendi nada de estatística. [risos]. Eu aprendi muito sobre políticas públicas, porque como tinha essa ideia de que todo mundo dava uma mão em quase todas as pesquisas, você acabava entendendo um pouco de saúde, educação, transporte etc.

C.C. – Mas, Eduardo, e sua tese de mestrado *Greves na transição brasileira* e a Maria Hermínia como orientadora. Como é que surgiu o tema e a orientação dela?

E.N. – Pois é. Eu comecei uma dissertação de mestrado que não era nada disso. Até fiz um paper e tal, que eu lendo o Wanderley Guilherme dos Santos, que me impressionou enormemente, eu falei: “Olha, eu quero fazer um estudo”. E aí eu li algumas coisas que mostravam algumas similaridades no caso argentino, e eu resolvi que minha dissertação de mestrado ia ser uma comparação de como se formou o sistema previdenciário no Brasil e na Argentina. Eu fiz essa pesquisa, produzi acho que um paper, aí eu falei: “Não, mas não é isso que eu quero fazer”. Eram outros tempos. Aí a Maria Hermínia falou: “Tudo bem”. E eu vivia falando na coisa das greves e tal. Aí ela falou: “Olha, eu tenho um banco de dados que eu comecei lá no Cebrap, junto com uma pesquisadora” (que agora me escapa o nome, mas que é uma pessoa bem conhecida). A Maria Hermínia tinha começado a fazer um levantamento sobre greves e aquilo tinha parado. Aí eu me entusiasmei com a ideia, e fiz um enorme banco de dados sobre isso. Foi um trabalho muito interessante, porque Maria Hermínia me colocou em contato com o Ministério do Trabalho, que ajudou muito nisso. E assim, é muito curiosa essa história, porque eu me lembro de falar naquela época que todo ministério tinha um general dentro do ministério. E os primeiros dados que eu consigo fora do banco de dados da Maria Hermínia são os do exército [risos], que nos passou esses dados e tal. Daí eu e Maria Hermínia fomos conversar com o Dieese, começamos a fazer uma troca ali. Então, eu usava como banco de informação o Dieese e os militares, e aí montei esse banco de dados. Eu tinha esses privilégios, eu tinha uma estatística que cuidava de toda a parte. Então, meu problema era muito mais classificar as greves, interpretar e tal. Aí surgiu essa dissertação, que é uma dissertação grande. Não se faz mais esse tipo de coisa, não é? Demorei anos fazendo isso, e foi por isso. Eu acho que junta o trabalho inicial de Maria Hermínia com a minha certa fascinação, que vinha desde as greves de 1978, pensando o que era exatamente aquilo.

C.C. – E no doutorado você continuou na Ciência Política, só que aí na USP.

E.N. – Na USP. Mas, eu volto para a USP com a Maria Hermínia.

C.C. – Por causa da Maria Hermínia, não é?

E.N. – Não só. Por causa da Maria Hermínia.

C.C. – Ela sai da Unicamp e vai para USP?

E.N. – Ela sai da Unicamp e vai para a USP. Mas não foi só isso não. Eu sempre gostei da USP, mas é claro que teve uma importância grande a Maria Hermínia ir para lá, e foi excelente. Ela realmente foi uma pessoa com quem eu sempre me dei bem, continuo me dando muito bem. Então, foi uma...

C.C. – Fiz uma longa entrevista com ela.

E.N. – Ah, é?

C.C. – Mas o tema – relações de trabalho, legislação – isso veio do mestrado? Ou foi uma coisa nova? Como surgiu?

E.N. – Não. Foi uma coisa nova. Isso foi o seguinte, eu já tinha começado a ler algumas coisas, toda essa literatura sobre corporativismo. Claro, Leôncio sempre foi um cara com quem eu conversei muito, gosto muito dele, importantíssimo e tal. Mas eu tive sempre um certo incomodo com aquela coisa de ainda chamar de corporativismo o modelo brasileiro, e aí eu estava disposto a trabalhar com isso. Mas a coisa muda mesmo quando eu falei para a Maria Hermínia: “Eu quero fazer um doutorado sanduíche”. E aí eu lembro que Maria Hermínia sugeriu que eu fosse para Chicago, onde o Fernando tinha ido. Eu falei: “Não, Maria Hermínia. Em Chicago não dá, porque minha mulher tem bronquite, não dá. Chicago não.” [risos]. E também eu tinha mais vontade de ir para a Europa, acho que tem uma coisa de menino, não queria ir para os Estados Unidos, queria ir para a Europa. E Maria Hermínia tinha contato com um economista, com o qual até hoje eu tenho contato, um cara brilhante chamado David Marsden, lá da London School of Economics, e que ali foi fundamental para minha tese de doutorado, porque eu estava interessado nesta coisa corporativista – que modelo é esse e tal. Eu achava que isso estava ultrapassado, mas não sabia sair disso. Quando eu descobro a brutal diferença do modelo de relações de trabalho inglês, a coisa muda. Aí eu acho a minha tese. E faço essa tese sobre o modelo legislado de relações de trabalho, rompendo com a visão tradicional da coisa.

C.C. – Você ficou quanto tempo lá em Londres?

E.N. – Em Londres eu fiquei quase dois anos. Naquela época tudo era mais generoso, não é? [risos]

C.C. – Sanduíche podia ser dois anos, não é? Eu fiquei um ano no sanduíche, mas podia ser dois, é verdade.

E.N. – Ah, você ainda podia fazer dois anos?

C.C. – Podia. Eu fui em 1991/1992.

E.N. – Sei.

C.C. – Podia. Fui para a Universidade da Flórida. Mas podia ter um segundo ano. Era só pedir a renovação, não é? Hoje ficaram só de três, quatro meses...

E.N. – Não, dá para fazer seis meses, mas não passa muito disso. E assim, isso também combinava com o interesse da minha mulher, que também é acadêmica, também das Ciências Sociais, e que foi...

C.C. – Qual é o nome dela? Desculpe.

E.N. – Maria Amélia Marcondes Cupertino. Não, mas ela atualmente é dona de escola. Ela saiu da veia acadêmica. Ela fez mestrado e aí parou. Mas ela começou um doutorado com o Paul Thompson.

C.C. – História Oral?

E.N. – Da História Oral.

C.C. – *Voices of the Past*.

E.N. – É, exatamente. [risos]. É um cara sensacional, conheci ele. Mas a Maria Amélia se desencantou com... Não se desencantou com a coisa acadêmica, ela voltou para o Brasil e aí tinha uma coisa de um trabalho com escola, que ela ficou fascinada e foi por outros caminhos. Mas, enfim, minha ida também para Londres tinha dois componentes: um, esse que eu preferia ir para a Europa, e o segundo, o problema de saúde da minha mulher. Londres já era ruim, agora Chicago não dá. Mas foi uma excelente experiência. Eu penso que essa redução de tempo que se faz hoje de estágio no exterior é muito ruim, porque um estágio de pelo menos um ano é uma mudança considerável na maturidade dos alunos.

C.C. – Agora, se pensar em termos gerais, vendo sua trajetória, que é igual a de muita gente nessa época, não é? Eu também entrei no mestrado eram quatro anos, tinha um quinto ano praticamente certo de redação, bastava justificar, com bolsa. Eu acabei fazendo em dois anos e meio, mas era uma coisa... O doutorado, acho que, eram seis anos legais, e mais um sétimo garantido, e as pessoas às vezes demoravam mais. Quer dizer, tudo se comprimiu, não foi só o sanduíche. O mestrado passou a ser dois anos, no máximo; doutorado, quatro anos no máximo; sanduíche, às vezes meses, um ano já é um luxo enorme, não é? Só pensando alto, como é que você vê essa compressão do tempo de formação, o reflexo que ela tem, o impacto? Quer dizer, você como professor lembrando do seu tempo de aluno?

E.N. – Pois é, é difícil. Eu não tenho uma opinião muito clara sobre isso. Eu só acho que a minha geração fez mestrados que eram teses. E muitos fizeram depois excelentes, verdadeiras teses. É uma diferente concepção que no Brasil perdeu para o mundo anglo-saxão, para os americanos, principalmente, não é? Com um modelo de muita rapidez, muita produtividade. Eu vejo a geração atual bem mais adaptada a isso do que a minha geração, que pegou a transição. Você vê, eu fiz a minha dissertação de mestrado em sete anos, e meu doutorado em cinco. [risos]. Quer dizer, tem algo errado, não é?

C.C. – Você teve que se enquadrar de alguma forma, não é?

E.N. – Eu tive que me enquadrar de alguma forma. Agora, na verdade, nós estamos produzindo doutores mais profissionais, mas mais imaturos. Essa é a minha...

C.C. – Doutorado começou a ser quase um início da carreira, e não a consagração, não é?

E.N. – Exatamente.

C.C. – É a maturidade, não é?

E.N. – É a maturidade.

C.C. – Foi o contrário. Para começar...

E.N. – Agora, como isso é padrão internacional, é difícil fugir, mas enfim...

C.C. – Você fez o seu doutorado todo já dando aula como professor, não é? Aqui em São Carlos?

E.N. – Isso.

C.C. – Pois é. É uma outra experiência que é muito difícil, não é? Para dar aula é como professor horista, em universidade privada, mas... Você entrou em 1992, é isso?

E.N. – É.

C.C. – Professor aqui no Departamento de Ciências Sociais. E pode fazer o doutorado sem nenhum problema?

E.N. – Sem nenhum problema. A história foi a seguinte. Eu saí do NEPP porque quando eu estava terminando o mestrado tinha um debate na Unicamp de acabar com essa carreira de carreira que ganhava o mesmo que o jovem professor e não dava aula. E aquilo venceu, e uma das coisas que venceu em primeiro lugar foi assim: seu eu quisesse fazer um sanduíche no exterior, eu não poderia. Foi a primeira regra. Aí eu falei: “Eu vou sair do NEPP”. Aí eu prestei concurso aqui na... Primeiro concurso que apareceu, eu prestei aqui, falaram bem de uma equipe que tinha aqui, particularmente o meu grande amigo e colega Fernando Azevedo, pernambucano. E eu vim para cá. A meta principal de vir para cá é que eu queria fazer um doutorado sanduíche. Aí durante um ano eu fico meio período no NEPP, meio período aqui,

para testar. Nos dois lugares toparam, e daí no segundo ano eu já saí do NEPP de vez e fiquei aqui.

C.C. – E aqui como é que era no início? Tinha Pós-Graduação já ou ainda não?

E.N. – Não, não tinha nada.

C.C. – Era só o Departamento de Ciências Sociais?

E.N. - Era um Departamento de Ciências Sociais. Aí foi criado alguns anos depois – não muitos, não vou lembrar a data exatamente, mas deve ter sido lá por 1993 – se cria o Programa de Doutorado em Ciências Sociais. Era um programa único para as três áreas. E, posteriormente, a gente naturalmente separa os programas, e aí sim a gente passa a ter três programas – da Antropologia, da Política e da Sociologia, que agora nem é o mesmo departamento.

C.C. – Pois é. Isso foi difícil até de eu entender que me mandaram para o Departamento de Sociologia, e não para o de Ciências Sociais, não é?

E.N. – Sim.

C.C. – Em que momento se separou? Por que geralmente os departamentos de Sociologia estão dentro do de Ciências Sociais. Aqui, no de Ciências Sociais ficou Antropologia e Política. Sociologia saiu. Devem ser disputas...

E.N. – Exatamente.

C.C. – Acadêmicas.

E.N. – Não, não.

C.C. – Quer dizer, disputas institucionais, não é?

E.N. – Institucionais. Te conto... Basicamente, é claro, talvez a sociologia tenha outra versão, mas eu acho que não seria diferente. A sociologia era muito maior. Aliás eu entrei aqui pela sociologia, não pela Ciência Política. E em algum momento a gente começa a querer reforçar a área de Política, e eu saio da área de Sociologia e venho para a área de Ciência Política, que era minha formação. Do nosso ponto de vista, dos antropólogos e dos cientistas políticos, o que ocorria era o seguinte, a Sociologia tinha mais professores ou o mesmo número, não sei bem, do que as duas áreas. E portanto, eles conseguiam sempre ganhar nas reuniões etc. Isso foi gerando um grau de conflito insustentável, até que houve uma briga horrorosa, como todas as brigas [risos], e felizmente foi separado. E a Antropologia e a Política resolveram, pelo menos por enquanto (e já faz vários anos), conviver, e convivemos muito bem, está tudo tranquilo. Isso é uma história muito particular e que diz respeito a...

C.C. – Você acha que tem mais a ver então com o tamanho da Sociologia no departamento, uma certa hegemonia nos processos?

E.N. – Não tenho dúvida. Independente de qualquer versão, porque essas brigas são horrorosas, não é? Mas independente de qualquer versão, o ponto claramente era esse, a Sociologia tinha uma capacidade numérica de sempre ganhar. Surge uma vaga, vai para Sociologia. E aí a Antropologia e a Política estavam desaparecendo, então a fonte do problema foi esse.

C.C. – As Pós-Graduações se separaram também? A de Sociologia foi para o Departamento de Sociologia?

E.N. – Foi. As Pós-Graduações se separaram, e aí foi uma coisa mais bem pensada, mais organizada. Foi assim: bom, já que vamos separar, vamos separar as Pós, e aí cada um foi montando a sua Pós no seu tempo, e a gente continuou durante um período com o velho programa de Ciências Sociais, até a consolidação dos programas de Política, Antropologia e Sociologia. Aí foi um processo mais tranquilo de transição.

C.C. – Agora, a Graduação é em Ciências Sociais.

E.N. – Não, a graduação segue igual.

C.C. – Continua, e a Sociologia dá as disciplinas de Sociologia.

E.N. – Isso.

C.C. – Política e Antropologia, as suas. Aí não tem problema.

E.N. – É. Aí fica modelo USP. Não sei se no Rio é assim, mas acho que é também, não é? A divisão das três áreas, tem uma certa autonomia, mas...

C.C. – É, hoje tem uma certa tendência, não muito clara, mas alguns começam a criar já na graduação, Graduação em Antropologia, Graduação em Ciência Política, mas é minoritário, não sei se vai prosperar.

E.N. – É. Pernambuco fez isso também, não é?

C.C. – É, a UNB fez isso.

E.N. – UNB.

C.C. – Bom, agora já entendi um pouco mais. Mas enfim, você ficou aqui, não é? E você tem aqui esse Laboratório Integrado de Documentação, Estatística Políticas e Sociais. Isso é o que? É um laboratório inspirado na sua passagem pelo NEPP, não?

E.N. – Não, não. Isso, na verdade... Como é que você leu o nome? Laboratório...

C.C. – Laboratório Integrado de Documentação, Estatística Políticas e Sociais.

E.N. – Ah, é isso mesmo. Está certo. Lideps, não é?

C.C. – É.

E.N. – Não, a história foi a seguinte. Você sabe que essa é uma universidade de engenheiros, não é? Tem um peso das engenharias muito grande. O Centro de Ciências Humanas é o menor deles. E sempre tem os editais da Finep, de financiamento de laboratórios etc. Um professor aqui da Letras, um excelente cara, o Valdemir Miotello, que era diretor do CECH – porque aqui é por centro –, Centro de Educação e Ciências Humanas. Ele resolveu, pela primeira vez, falar: “Olha, dessa grana que está disponível, o CECH quer uma parte”. E aí ele me chamou para a gente conversar, chamou várias outras pessoas. E eu resolvi montar uma coisa ali de falar: “Olha, já que é essa é uma escola de engenharia, vamos chamar de laboratório, dane-se. O que eu quero é espaço”...

C.C. – O nome parece sério para os engenheiros.

E.N. – Exatamente. Eles gostam, está bom então. Se você não pode fazer centro de pesquisa, nada disso, vamos falar laboratório. E eu tive o apoio de um pró-reitor aqui de Pós-Graduação. Enfim, o Miotello me chamou para pensar sobre isso e eu tive um apoio grande.

C.C. – Quem chamou?

E.N. – Miotello é esse professor da Letras.

C.C. – Está.

E.N. – Valdemir Miotello. E o pró-reitor topou que uma parte da verba fosse destinada a um projeto de laboratórios para a Ciências Humanas, e o Miotello botou isso na minha mão, falou: “Inventa um treco aí” [risos]. Aí nós fizemos. O que eu pensei? Eu pensei como um centro, chamando de laboratório para agradar aos financiadores, mas que teria de fato algo de laboratório, no sentido de que eu sempre achei que a comunicação entre os estudantes de Ciências Humanas era muito baixa, que as pessoas iam para as aulas, formavam amizades, tudo isso que é natural, mas não tinham espaços onde aglutinassem interesses comuns e que formassem, portanto, grupos mais sólidos. A ideia foi essa. E aí a gente construiu o que acho que são 12 laboratórios, são 3 da Antropologia, 3 da Sociologia, 3 da Política, e 3 de outros grupos do CECH – que é um pessoal de Letras/Linguística, pessoal da Ciência da Informação, e um pessoal da Educação. Mas você vê, era um projeto onde a maioria é Ciências Sociais e tinha uma entrada de outros grupos. O pró-reitor gostou bastante do projeto e ele foi aprovado, para surpresa minha até. Foi aprovado e agora que ele está começando a funcionar. Então, ainda nem sei lhe dizer o quanto isso vai dar certo, Mas eu acho que vai dar certo, porque...

C.C. – Mas aí vai ter recursos para quê?

E.N. – Não, primeira coisa, não há lugares para os estudantes estudarem aqui. Volto a dizer, é uma universidade de engenheiro. A nossa biblioteca é uma biblioteca onde os engenheiros tomam e ficam discutindo cálculos em voz alta. [risos]. Ninguém das Ciências Humanas gosta de trabalhar naquela biblioteca. Começa... Estou indo lá de cima, não é? Esse já era um problema. Segundo, eu e muitas outras pessoas sempre discutiram essa questão do grau de



isolamento dos mestrandos e doutorandos com suas teses, e que acabam tendo um contato quase que exclusivamente com o orientador e seus amigos, que não necessariamente trabalham com os mesmos temas. Amigo é amigo, é outra história. Então, a ideia foi tentar criar uma nova cultura, uma cultura inspirada nos laboratórios das engenharias, mas pensando que o laboratório é um local onde tem um orientador, ou dois ou três, que tenha afinidades temáticas e até pessoais e tal, e que são capazes de aglutinar um grupo. O Lideps ainda está começando, mas eu já vejo isso acontecendo e tenho muita esperança de que isso dê certo, que isso mude a presença dos alunos na UFSCar. Você vê, aqui também é uma universidade interessante pelo seguinte, ninguém é daqui, quer dizer, acho que a minoria. Não tenho essa estatística, mas acho que a minoria é carlense.

C.C. – Muitos professores não moram aqui, não é?

E.N. – É, eu não moro.

C.C. – Você mora...

E.N. – Eu moro em São Paulo.

C.C. – São Paulo, não é?

E.N. – São Paulo. Eu, o [inaudível], o Piero, o Fernando Azevedo...

C.C. – O Piero agora mora aqui.

E.N. – Ah, é. O Piero, é claro. O Piero mora. Mas enfim, tem uma quantidade muito grande, especialmente nas Ciências Humanas, de pessoas que não moram aqui. Mas os alunos, a grande maioria também é de fora. E nós temos uma outra coisa muito fora do padrão que é o seguinte, o nosso curso de Graduação é em período integral, não é? O que faz com que os meninos estejam mais na universidade. Então, quando eu olho tudo isso eu penso: esse negócio vai dar certo, esse negócio do laboratório. Porque ele permite por ser uma cidade pequena, então o deslocamento da casa para cá não é um problema, permite porque ninguém tem família e, portanto, eles vivem entre os estudantes. Tem um conjunto muito interessante de estar numa cidade de menor porte.

C.C. – Agora, lá em São Paulo você também tem um vínculo como pesquisador associado no Cedec.

E.N. – Ah, sim. Claro, claro.

C.C. – Isso é para desenvolver alguma pesquisa particular? Como é isso?

E.N. – Olha, nós já desenvolvemos uma a respeito da Constituinte, e a ideia é continuar. Eu só relativamente recente no Cedec. Eu estou lá há uns quatro anos, acho. Não sei bem. Quatro, um pouco mais, não me lembro bem. Mas o tipo de pesquisa do Cedec me agrada muito, e tem uma relação também de... sempre estão envolvidas as relações pessoais na nossa área, não é?

Você tem afinidades acadêmicas e pessoais, então assim, o Andrei Koerner que está lá é da minha geração, o Cícero Araújo é da minha geração, sabe? Tem uma... O Brasília também, que está lá, foi uma referência importante para mim e para todos os outros.

C.C. – Entrevistei o Brasília também.

E. N. – Grande sujeito, o Brasília. Grande pessoa, grande cara. Enfim, me convidaram para ir para o Cedec, eu fui contente. E lá tem possibilidades de pesquisas coletivas, não só com os estudantes, mas também com pesquisadores maduros. E que em um departamento tão pequeno como este, numa área de Ciência Política tão pequena como esta, é difícil você estabelecer diálogos a ponto de produzir junto.

C.C. – São quantos professores de Política aqui no departamento?

E.N. – De Política são oito. Será que é isso? Eu posso confirmar depois.

C.C. – Mas, é pouca gente?

E. N. – Se não for oito, são nove. É pouquíssima gente. Com isso, o que acontece? Cada um tem que trabalhar com uma determinada área. O diálogo entre nós é muito bom, mas o dialogo acadêmico fica difícil.

C.C. – Mas o seu tema de pesquisa de interesse agora, acadêmico, atual, é qual?

E.N. – Então, eu estou em uma crise, talvez, uma crise de mudança.

C.C. – O país está em crise, não é? [risos]. Está é a palavra.

E.N. – Então, eu tenho que seguir os tempos. [risos].

C.C. – Hoje, particularmente, está registrada a votação do impeachment no senado. Está acontecendo junto com essa entrevista.

E.N. – Pois é. Está aí registrado. A entrevista durante o impeachment.

C.C. – Mas o seu tema de interesse, apesar da crise, tem já alguma...?

E.N. – Então, tem sim. Eu vim trabalhando durante muito tempo com a questão do trabalho, depois enveredei para a questão constitucional, não quero abandonar a questão das constituições. Mas isso é uma coisa muito recente, que eu ainda não tenho nenhum produto, mas o meu projeto a partir de agora é discutir democracia, a crise da democracia, não só no Brasil, mas olhar isso na América Latina. Eu estou querendo entrar para o debate da democracia. Eu sei que esse debate é velho, fala-se em crise da democracia desde que a democracia existiu, mas eu tenho a impressão de que hoje nós temos alguns elementos diferentes e que envolve uma sociedade de massa diferente do que era no passado, que envolve uma institucionalidade muito mais forte, e que envolve um papel do judiciário completamente diferenciado. Então, acho que tem elementos interessantes que estão sendo debatidos, mas a

minha tentativa seria pensar isso enquanto... Trabalhar com a questão da democracia e a crise nesse sentido, não no sentido ingênuo de achar que nunca teve crise na democracia, não é?

C.C. – Como uma novidade.

E.N. – Esse é o projeto, mas é um projeto a começar, porque eu ainda estou fechando o passado. Quer dizer, eu estou encerrando essa coisa com um trabalho muito interessante que nós fizemos essa pesquisa das greves, que me chama o tempo todo. Eu fiz um projeto para a Fapesp há seis anos atrás e agora que estão saindo os produtos, que assim, são: além de juntar o banco de dados que o Dieese tem e que o NEPP tinha, nós juntamos esses bancos de dados. A Unicamp cedeu ao Dieese, então o banco ficou mais completo. E nós resolvemos fazer um conjunto de entrevistas com cerca de 60 sindicalistas dos mais importantes. Saiu o primeiro volume agora, e vão ser cinco volumes. Aí são depoimentos. E aí eu estou encerrando a minha vida sindical.

C.C. – Às vezes não, não é? Uma vez quando é especialista no tema, você acaba sendo chamado para alguma coisa.

E.N. – É, esse que é o problema.

C.C. – Você fez um paper lá atrás, uma tese de mestrado, a pessoa lembra e chama, porque...

E.N. – É verdade. Mas eu estou querendo entrar no tema da democracia, que está me fascinando muito. Mas enfim, o fechamento dessa longa trajetória trabalhando com temas relacionados a movimento sindical, a direito e trabalho, eu certamente vou manter dentro da Constituição isso. Quer dizer, é um tema que me fascina e que é relevante até para discutir democracia.

C.C. – Queria lhe perguntar também da ABCP, você foi diretor lá de relações interdisciplinares, não é?

E.N. – Isso.

C.C. – Não sei se é impressão equivocada, eu nunca... Minto, uma vez me convidaram para uma mesa na ABCP, mas eu participei sempre muito da Anpocs, que é a coisa geral, da ABA, que é de antropólogos que existe desde os anos 1950, e da Anpuh, de História, me chamam também. Mas a ABA e a SBS, de Sociologia, elas se consolidaram antes da ABCP.

E.N. – Ah, sim.

C.C. – Ele parou, voltou, quer dizer, parece uma associação menor. Você foi diretor lá 2008-2012, pelo menos está no seu currículo. Como é que você acompanhou a ABCP como, vamos dizer, associação de Ciência Política, não é?

E.N. – Olha, eu acho que, primeiro, foi muito bom a recriação da ABCP, porque de fato as... Eu não sou nenhum desses que acha que tem que separar muito e tal. Mas, de fato, o volume de produção da Ciência Política, da Sociologia e da Antropologia é imenso. Você imaginar que a Anpocs... Claro, a Anpocs vai ter um papel acho que muito grande, por muito tempo, porque

é o reencontro dos três. E ela é fundamental, na verdade, na minha carreira a Anpocs foi importantíssima, tudo isso. Mas, eu acho que a Ciência Política foi a que mais demorou para amadurecer como um grupo que...

C.C. – Comunidade.

E.N. – Como uma comunidade. Como uma comunidade que fala que faz Ciência Política e não Sociologia Política, embora Ciência Política seja um nome horroroso. Eu preferia que a gente se clamasse de politólogos, que me parece mais realista do que essa pretensão de *Ciência Política*. Mas, independente disso, eu acho que a ABCP veio para ficar, tem um grupo forte e muito bom. Eu participei de uma gestão que foi excelente, porque tinha duas pessoas ótimas: o Fabiano Santos e o Bruno Wanderley Reis, são pessoas incríveis e muito ativas. Eu acho que a cada ano, aí precisaria pegar dados, mas a minha impressão é que a cada ano a ABCP cresce numericamente e cresce em qualidade. E a experiência para mim na ABCP foi muito interessante, em termos de olhar um pouco a coisa organizacional, que nunca foi muito a minha praia. Enfim, eu vejo com bons olhos.

C.C. – Uma curiosidade. Você mencionou na sua formação USP e Unicamp, e em algum momento você mencionou o Wanderley que lhe impressionou ou alguma coisa que você leu. Mas a Ciência Política, tirando aqui o eixo USP-Unicamp, ficou muito forte ali entre Belo Horizonte e Iuperj, não é?

E.N. – Muito.

C.C. – Você tinha contato com esse pessoal do Iuperj? Quer dizer, muito mineiros foram depois para o Iuperj, mas tem um núcleo diferente, não é? Muita gente faz formação nos EUA, e se torna, o Iuperj em particular, uma Pós-Graduação que vai espalhar seus doutores e mestres em muitos lugares do Brasil, e que vão criar programas de Ciência Política. Só para entender sua relação, quer dizer, paulista aqui, com essa Ciência Política.

E.N. – Olha, talvez eu deva isso em grande parte à Maria Hermínia, e meu tempo de NEPP. O NEPP fez seminários sensacionais lá, enquanto eu estava. Todas essas pessoas foram lá, convidadas por Maria Hermínia, Vilmar, Sônia Draibe, Juarez etc. O Wanderley, o livro dele *Cidadania e Justiça*, quando li aquilo eu falei: “Essa é a melhor obra que eu li na minha vida de estudante sobre o Brasil”. Eu fiquei fascinado por aquilo. E depois comecei a ler os mineiros. O Fábio foi, mas isso é obra da Maria Hermínia ou do Vilmar? Não, é da Maria Hermínia. Quando eu estava lá no doutorado, Maria Hermínia chamou o Fabio Wanderley Reis para dar palpite nos nossos projetos, e ele virou com aquele mal humor dele simpaticíssimo – mas ele é simpático mesmo, mas de um mau humor: “Qual é a diferença entre Jornalismo e Ciência Política?” [risos].

C.C. – Na USP?

E.N. – Lá na USP. Ele foi para comentar. Ele devia estar fazendo outras coisas, mas Maria Hermínia trouxe ele para comentar os trabalhos dos orientandos. Ele esculhambou com a gente, esculhambou nesse sentido de que faltava teoria, faltava...

C.C. – E o que vocês responderam? Qual é a diferença de jornalismo...

E.N. – Olha, eu acho que eu não respondi nada. Eu fiquei tremendo. [risos]. Acho que não respondi nada. Eu não me lembro bem, porque eu me lembro só desse impacto, acho que a partir dali eu parei de pensar. [risos]. Mas aí eu te digo uma coisa, é interessante, eu nunca tinha pensado nisso, mas o NEPP foi muito mais nacional do que a USP. Eu não sei dizer se a Unicamp como um todo, mas o NEPP foi. Porque essas pessoas eu conheci fundamentalmente no NEPP. Não conheci na USP, não conheci, Sabe? Acho que o NEPP teve essa capacidade de olhar para adiante.

C.C. – É até uma crítica tradicional que se faz de fora da USP, em relação à USP, é dela acabar sendo muito provinciana, no sentido de que as pessoas estudam ali, entram ali, ficam ali, e fica um mundo muito endógeno, não é? Claro, isso mudou com o tempo, mas tem uma certa crítica, mais antiga, de que é muito fechada em si mesma, nesse sentido mais provinciano, apesar de ser a maior universidade brasileira. Mas é interessante você falar isso, que o NEPP era um lugar na Unicamp mais nacionalizado.

E.N. – Eu realmente acho. Eu não posso assim te afirmar isso, seria uma coisa interessante para perguntar para outras pessoas, mas a minha impressão é essa. Quer dizer, eu me lembro que na USP a gente recebia professores estrangeiros para falar, palestras e tal. Eu não me lembro tanto dos professores brasileiros. Você vê, eu fui conhecer Wanderley Guilherme dos Santos na Unicamp. E não conhecer Wanderley Guilherme dos Santos naquela época é um absurdo, não é? Porque ele já era um... Eu não conhecia o... Ô meu Deus, de partidos políticos, que morreu muito jovem, do Rio de Janeiro...

C.C. – Olavo.

E.N. – Olavo. Olavo Brasil. Eu fui conhecer o Olavo Brasil quando eu estava no mestrado. Então, eu acho que. Espero que a USP esteja diferente agora, mas eu acho que essa observação é verdadeira, pelo menos, em parte. A USP, pelo menos naquela época, se centrava muito nela. Não faz sentido que caras como o Wanderley e o Fábio Wanderley não fossem apresentados a nós.

C.C. – Quer dizer, o Fabio foi, de uma forma trágica.

E.N. – Ah, sim. Mas aí, já em outra fase, no doutorado, onde as coisas já estavam mudando na USP. Aí já é outra fase.

C.C. – E a Maria Hermínia depois partiu para criar, é uma criadora de instituições, não é? O estudo de Relações Internacionais.

E.N. – Pois é.

C.C. – Impressionante a capacidade dela de...

E.N. – A Maria Hermínia é impressionante mesmo, porque ela foi muito importante na criação da Pós da Unicamp. Ela foi importantíssima dentro do NEPP, ela e o Vilmar. O Vilmar realmente teve um papel... Embora, papéis diferentes, não é? O Vilmar era um... Vilmar mais slow profile. Mas, assim, o Vilmar tinha uma relação com os jovens, o Vilmar me ensinou muito. Ele dava muitos conselhos bons, do ponto de vista do que a gente estava fazendo de pesquisa. Ele se envolvia com a garotada. É um cara excepcional. E a Sônia era uma garra toda, mulher de muita garra. [risos]. Uma pessoa interessante, muito interessante.

C.C. – Olha, Eduardo, não sei se... Por mim está ótimo.

E.N. – Está ótimo. Espero...

C.C. – A gente passou da sua infância até os interesses atuais. Não sei se tem mais alguma coisa que você lembra de acrescentar, mas foi muito interessante acompanhar sua trajetória.

E.N. – Não, acho que já falei muito já.

C.C. – Imagino.

E.N. – Muito obrigado.

C.C. – Bom, agradecer mais uma vez.

E.N. – Eu que agradeço. É um momento interessante de reflexão, não é?

C.C. – Imagino que seja.

E.N. – Eu não fico pensando na minha história acadêmica. E as histórias devem ser muito.

C.C. – E a gente não tem registrado, como disse, essa memória das Ciências Sociais. Quer dizer, ela está nos livros, nas pessoas, vamos dizer, na fofoca do meio. Mas, você perde, tirando alguns casos – tem alguns trabalhos biográficos, alguma autobiografia –, isso se perde muito. Não tem essa, vamos dizer, autorreflexão sobre a própria comunidade. E aí, quando tem, são pesquisas individuais que publicam livro, ou que faz um...

E.N. – Claro.

C.C. – Vamos ver. Tomara que ajude.

E.N. – Quantos vocês já fizeram?

C.C. – Nossa, umas cem entrevistas quase. Se contar, teve uma parte que foi em Portugal, que era um edital específico.

E.N. – Ah, sei.

C.C. – Mas acho que umas cem entrevistas.

E.N. – Nossa! Que beleza.

[FINAL DO DEPOIMENTO]